



Centro Interdisciplinar de Semiótica da Cultura e da Mídia
3º Encontro Internacional Comunicação, Cultura e Mídia

Artigo Publicado em mídia eletrônica, 2006.

A Tatilidade do ouvir:

Os efeitos da incomunicação na esfera das relações interpessoais e no enfraquecimento dos vínculos comunicativos

Elisabeth Leone Gandini Romero ¹ - UAM

Resumo:

O homem é o único animal capaz de ouvir os sons de seus corpos (o físico, o social e o cultural) e a partir deles criar representações, imagens. Como ignorar, nas Ciências da Comunicação, os sons do batimento cardíaco fetal, de uma cantiga indígena ou de uma festa *rave*, os vínculos que eles criam ou deixam de criar? Com o excesso de emissão que se vive hoje, muitas vezes e pouco se escuta, o sentido da audição foi relegado a um segundo plano.

Este trabalho reflete que não “dar ouvidos” pode resultar em incomunicação e para fundamentá-lo utiliza como ferramentas a Teoria da Cultura, desenvolvida por Ivan Bystrina, a Teoria da Imagem abordada por Norval Baitello e amplia o diálogo com Boris Cyrulnik, Joachim Berendt, dentre outros. Apesar de nosso sentimento ter dado as mãos aos olhos, o sentido do tato encontraria um parceiro muito mais natural na audição, pois ambos se complementam (Berendt).

Palavras-chave – comunicação; som; audição; tato; vínculos.

Résumé –

L’homme est le seul animal capable d’écouter les sons de ses corps (physique, social et culturel) et à partir de cela engendrer des représentations, images. Comment ignorer, dans les Sciences de la Communication, les sons du coeur d’un fœtus, d’une chanson indigène ou d’une fête *rave* et les liens qu’ils acquièrent ou qu’ils n’acquièrent

¹ Mestre em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e doutoranda no mesmo programa.

Docente em cursos de especialização em moda da Universidade Anhembi Morumbi (UAM), do Serviço de Aprendizagem Comercial (SENAC), do Centro Universitário de Vila Velha (UVV).

pas? On vit aujourd’hui dans l’excès de l’émission, il y a beaucoup de voix et on écoute très peu, le sens de l’audition est reléguée à une seconde place.

Ce travail est une réflexion, car “ne donner pas les oreilles” peut aboutir en incommunication. La recherche utilise comme instruments la Théorie de la Culture développée par Ivan Bystrina, la Théorie de l’Image abordée par Norval Baitello et ouvre un dialogue avec Boris Cyrulnik, Joachim Berendt et d’autres auteurs. Malgré notre sentiment avoir donné les mains aux yeux, le sens du tact trouverait un partenaire beaucoup plus naturel avec l’audition, car les deux se complètent (Berendt).

Mots –clé: communication; son; audition; tact; liens.

O primeiro mandamento: *Shema Israel*

Na tradição cristã, ensina-se que o primeiro mandamento é “amai-vos uns aos outros”. Já na tradição judaica, o primeiro exercício que é proposto na Torá² é *Shema Israel*, “Escuta Israel”. Assim, escreve Jean Yves Leloup³ que o primeiro mandamento não é amar, mas é escutar o outro com as orelhas, com o corpo, com a coluna vertebral e também com o coração e a inteligência (Leloup, 2002: 81). Nas tradições antigas, diz-se que o importante não é o mestre e sim o discípulo; o importante não é o que é dito, mas o que é escutado.

*O Senhor Deus deu-me a língua de um discípulo
Para que eu saiba reconfortar pela palavra o que está abatido.
Cada manhã ele desperta meus ouvidos
Para que eu escute como discípulo;
(o Senhor Deus abriu-me o ouvido)
E eu não relutei
Não me esquivei.*

Isaías, 50:4

O transitar das mensagens, por milhares de anos, foi da boca aos ouvidos, dos ouvidos à boca. Os sons formaram palavras, as palavras foram sendo emitidas, repetidas e retidas apenas na memória, até o recente aparecimento da escrita. Para Paul Zunthor, admitir que um texto, num momento qualquer de sua existência, tenha sido oral é tomar consciência de um fato histórico que não se confunde com a situação de que subsiste a marca escrita, e que jamais aparecerá “a nossos olhos”. Lá atrás “o conhecimento pertence ao ouvido”(Zunthor, 1993: 35). Mas este autor não emprega o termo oralidade, prefere a palavra vocalidade, pois ela é a história de uma voz, história de seu uso.

Outro autor qualificado para falar sobre o som foi um dos maiores críticos de *jazz* do mundo, Joachim Berendt⁴. Segundo ele, o primeiro sinal de vida que se tem conhecimento é o som, comunicação oral, vocal. A partir dele, nascem os mantras, formam-se as palavras que ecoam em todos os rituais de culto.

² Torá é o livro que contém a Lei Mosaica, que significa a Instrução. Conhecido como Pentateuco, é a coleção dos cinco livros que formam o cerne das escrituras religiosas judaicas, o Antigo Testamento da Bíblia.

³ Jean -Yves Leloup é padre e teólogo ortodoxo, doutor em psicologia e filosofia. Dirige cursos de antropologia fundamental na Europa, Estados Unidos e América do Sul.

⁴ Joachim-Ernst Berendt morreu em 2001. Dedicou toda sua vida profissional à música, deixou uma profunda marca no sistema radiofônico alemão e na musicologia e, sobretudo, na historiografia do jazz. Escreveu *Nada Brahma* – que em sânscrito clássico significa “O mundo é som”.

O primeiro sinal de vida de que se tem conhecimento é o som- e o som também é palavra. Para a filosofia vedanta da Índia, ambos - som e palavra - são idênticos. Em todas as eras, os iogues e videntes da Índia adotaram o deus da Palavra, ou o deus do Som. Toda a ciência ocultista, todas as práticas místicas, fundamentam-se na ciência da palavra ou do som...Há palavras que ecoam no coração; e há outras que ressoam na cabeça. E há outras ainda que exercem um poder sobre o corpo (Berendt, 1997: 47).

A sílaba *man* quer dizer “entendimento”, inclusive pensar e sentir. Os tibetanos dizem que todo o universo surgiu do som primevo *OM*, o mantra original, a sílaba primeira que sempre repete “faça-se”.

Esse conceito não é estranho para os que cresceram na tradição judaico-cristã. Também nela, o mundo veio a existir através de um mantra, através da palavra de Deus, “faça-se...”(Berendt, 1997 :50).

*E Deus disse: Faça-se a luz!
E a luz foi feita.
Deus viu que a luz era boa e separou a luz das trevas.
Deus chamou à luz de Dia, e às trevas Noite.
Sobreveio a tarde e depois a manhã: foi o primeiro dia.*

Gênesis 1, 3⁵

O primeiro a ouvir a força do som primevo foi o universo, foi o caos, para que tudo se fizesse. No mundo hebreu, há uma idéia dessas coisas. As trombetas que fizeram cair os muros de Jericó são símbolos do som e da música ancestrais. O “anjo das trombetas” é um conceito arcaico cristão. O anjo não toca trombetas, ele toca o som primitivo cristão (Berendt, 1997: 52).

As palavras narram o percurso da voz, sua história e a ciência lingüística revelam que houve um deslocamento do mantra oriental *Om* para o Ocidente, primeiro para Israel, de lá para o mundo cristão e para a Europa, resultando o *Amém*. Outros mantras também estão presentes no mundo cristão e preservou a vibração da alma do sânscrito, como *Aleluia*, *Hosana*, *Kyrie Eleison*⁶ (Berendt,1997:166-167).

Ainda na tradição cristã, mais próxima de nossa cultura, há uma frase que logo nos vem à mente: “No princípio era o Verbo”, escrito no Evangelho de São João. É Joachim Berendt que nos brinda com uma longa explicação para aquelas palavras *En árchên en ho logos* (no princípio era o verbo). A palavra “luz” — e as palavras som e *logos* — remontam à mesma raiz primordial *leg*. Etimologicamente falando, há uma tautologia: a palavra é o início. As duas partes componentes dessa sentença, que de fato importam, se desenvolveram de *leg* e de sua raiz-espelho *regh* — início em grego *arché* e palavra em grego *logos* — aparentada com o deus-sol *Rá*. Desde o começo, a linguagem soube que a palavra é luz, é tom, é o início (Berendt, 1997:69).

Quanto a gênese da imagem, Evgen Bavcar⁷ também vai parafrasear São João.

O verbo é, então, cego: ele nos fala do lugar em que surge uma gênese primeira da imagem. É deste modo que queremos ir às origens das imagens visuais, nós chegamos forçosamente ao espaço do invisível, este do verbo, e à noite que precede o dia das figuras conhecíveis. (Bavcar apud Novaes,1994: 461).

A força mântica da palavra está presente em outros textos da cultura e J. Berendt comenta ser surpreendente, no que tange a audição, que até agora ninguém tenha mencionado

⁵ O livro do Gênesis, ou livro das origens, é a palavra pela qual começa o texto sacro, contém tradições da mais remota antigüidade.

⁶ Escreve J. Berendt que consciente ou inconscientemente, os tradutores das Escrituras Sagradas devem ter sentido que estas palavras acima citadas são mantras. Foi por isso que as deixaram sem tradução, o que chama a atenção, pois todos os demais textos foram por eles traduzidos para as respectivas línguas.

⁷ Evgen Bavcar é filósofo e fotógrafo, perdeu a visão com onze anos de idade.

um dos livros mais espiritualistas do mundo, *O Livro Tibetano dos Mortos*. O título em tibetano é *Bardo Tödol*⁸, que significa “Libertação por ouvir no estado entre a vida e a morte” e que quase todos os conselhos começam com as palavras: “Ouve, tu que nasceste nobre” (Berendt, 1997:183).

Jean Yves Leloup tece o mesmo comentário e explica que a palavra *bardo* significa “o que está entre dois”. Entre dois pensamentos, duas respirações, dois planos do ser. O objetivo é a libertação. O método para chegar a este despertar é a Escuta, a mesma escuta de *Shema Israel*, uma escuta de toda a inteligência.

- Apesar daquele título, Leloup esclarece que o livro não é só para moribundos, por isso fala-se de *Bardo*, estar entre, pois mesmo vivos, entramos em contato com estados intermediários. Entre a inspiração e a expiração há um estado intermediário precioso, onde o pensamento não entra. Outro exemplo são os sonhos, o *Bardo* é o mundo das imagens, dos arquétipos. Não é simplesmente o mundo do inconsciente. É alguma coisa que está entre o inconsciente e o consciente, entre o inconsciente e o supra-consciente (Leloup, 200:25).

Mas em que momento deixamos de “dar ouvidos”, permitimos que nossa memória desse crédito apenas à palavra escrita e esquecemos de “obedecer” (*obedire*, em latim, é saber ouvir) as vozes do universo, da cultura, do entorno social e do próprio corpo? Isto explica o convite: **parar e ouvir**⁹, uma reflexão sobre a recepção na comunicação e não sobre a emissão¹⁰.

Ouçá-me

O verbo é mesmo cego, porque a luz só é necessária para o sentido da visão. Quanto à audição, as mensagens circulam pelo ar, através de ondas sonoras, invisíveis e inodoras. Para as Ciências da Comunicação, ouvir o próprio corpo deveria ser fundamental, já que toda comunicação começa no corpo e para ele retorna, lembrando Harry Pross¹¹.

É este teórico da mídia que nos ensina que o primeiro meio de comunicação que lançamos mão é o nosso corpo, classifica este meio de mídia primária. Nela, o que vale é o tempo e o espaço do presente, o aqui e o agora. Nela, o corpo comunica-se com seus gestos, movimentos, odores e sons. Nela, o corpo comunica-se com todos os sentidos e para todos os sentidos, direções.

Talvez por isto **ouvir é sentir**¹². Alguns idiomas preservam isto no idioma, como nas línguas francesa e italiana. É interessante notar a utilização da palavra “sentir” para o verbo “ouvir”: *sentire* (ouvir em italiano) e *sentir* (ouvir em francês). Ainda para o termo “ouvir”, em italiano, há o verbo *ascoltare*, do latim *auscultare*. Em francês *ausculter*, tem a mesma origem, em *auscultare*.

Na língua portuguesa, também temos o termo “auscultar”, muito utilizado em semiologia¹³, preferencialmente, por profissionais da área de saúde. Na medicina utiliza-se a palavra “auscultar”, melhor que escutar, porque percorre o caminho de dentro para fora. Assim, o primeiro a pedir que se “dê ouvidos” é o corpo: “ouça-me” é imperativo, pois o corpo, antes de qualquer coisa, comunica-se consigo mesmo.

⁸ Livro escrito no oitavo século de nossa era por Padmasambhava, o introdutor do budismo no Tibete. Por conseguinte, trata-se de um texto sagrado que pertence ao patrimônio espiritual da humanidade, juntamente com outros livros como o Bhagavad Gita, o Tao Te King e os grandes textos da tradição judaico-cristã. (Leloup, 2002:26)

⁹ Grifo da autora.

¹⁰ Devo esta reflexão a Norval Baitello Junior que durante um semestre desenvolveu este tema no Seminário “A cultura do ouvir”, 1º Semestre de 2005, PUC-SP, Seminário de Doutorado, Comunicação e Semiótica.

¹¹ Harry Pross, em um clássico de 1971, *Medienforschung*, propõe uma classificação dos sistemas de mediação e os classifica em mídia primária, secundária e terciária. O leitor poderá encontrar este tema ampliado no livro *A Era da Iconofagia* (Baitello, 2005: 31-34).

¹² Grifo da autora.

¹³ Semiologia ou semiótica é parte da patologia geral que se ocupa do estudo das manifestações das enfermidades, sinais físicos ou químicos.

O pensador Ivan Bystrina¹⁴ não deixou de considerá-lo, em sua teoria e, nos ensina que, em comunicação, primeiramente são ativados os códigos primários, presentes na vida biológica, como o código genético. Há os códigos secundários, que são da comunicação social e, os códigos terciários, onde nasce a cultura, mas não há separação entre eles. (Bystrina, 1985:5).

Logo, o corpo é fonte primeira de som e aqui se levanta uma outra voz, a do filósofo Michel Serres, que nos incita a auscultar os sons do corpo¹⁵:

A primeira fonte de ruído está no organismo, cuja orelha proprioceptiva ouve, às vezes em vão, o murmúrio subliminar: milhares de células entregam-se a uma tal ação bioquímica que deveríamos desmaiar sob a pressão de seu rumor. De fato, nós o ouvimos algumas vezes e chamamos de doença essa escuta (Serres, 2001:104).

De “auscultar” para “escutar” perdeu-se a direção, o sentido, o escutar com o ouvido interno, de dentro para fora. O médico é o especialista em auscultar os órgãos, pois ele ouve o que o coração, o pulmão, o abdome dizem.

Sendo vibração e tendo ritmo próprio, o corpo e seus sons podem estar em desarmonia e, como leigos no assunto, não nos damos conta disso. Somos capazes de sentir o coração e seu batimento, se acelera ou se desacelera. Mas há sons que desconhecemos e cabe ao médico decodificá-los.

Por exemplo, em entrevista com o cirurgião gastrointestinal Joaquim Francisco Romero¹⁶, ele informou que “o som normal do abdome é timpânico, nítido, claro, harmônico, ritmado, ruído contínuo. Quando há alguma ruptura em seu ritmo, pode significar uma patologia. Se há excesso de ruído ou se o som é desarmônico, pode significar um quadro inflamatório. Quando há diminuição do ruído, pode ser um quadro obstrutivo. Neste caso, há sons de luta, pois o ruído informa o esforço feito para vencer obstáculos; então o som pode ser metálico. Quando a obstrução está estabelecida, não há ruído”.

Outros médicos pesquisam sobre as ondas sonoras emitidas pelos corpos, quando estes se comunicam. William Condon, da Faculdade de Medicina de Boston, mostrou que a “harmonização” também ocorre quando duas pessoas mantêm um diálogo interessante. De repente, seus cérebros vibram sincronicamente. Condon chegou a demonstrar que as ondas cerebrais de alunos que ouvem atentamente a exposição do professor oscilarão “em harmonia” com aquelas do mestre. Quando isso ocorre, pode-se dizer que o “clima” da aula é bom.

Outro cientista, Paul Beyers, da Universidade de Columbia em Nova York, filmou e analisou interações humanas nas mais diversas culturas: a americana, os esquimós, os africanos e os nativos da Guiné. Em todos os casos, pode constatar a participação no ritmo comum e os “seres vivos são como aparelhos de televisão que contêm osciladores, ou seja, eles pulsam ritmicamente e se transformam” (Berendt, 1997: 146).

O ar dá a vida, a vida se confirma pelo som de nosso corpo, a respiração se faz voz: quando esta se cala, cala-se a vida. Logo, tudo que tem vida emite som, não há silêncio. Transcrevo aqui a incrível experiência¹⁷ pela qual John Cage¹⁸ aceitou passar, permanecendo isolado numa câmara anti-eco da Universidade de Harvard. Depois de algum tempo isolado, ele afirmou que ouvia sons, que deveria haver algo errado, algum vazamento, pois ainda ouvia sons: “Estou ouvindo sons lá dentro, como isso é possível?” perguntou ao engenheiro

¹⁴ Ivan Bystrina é um dos teóricos da Semiótica da Cultura.

¹⁵ Durante séculos, bastava colocar o ouvido junto ao corpo do paciente. Na Europa, apenas em meados do século XIX, um médico francês, Adolphe Pinard (1844-1934), professor de clínica obstétrica, criou um aparelho que amplificava o som, tinha a forma de uma ampulheta. O lado maior ficava junto ao corpo da parturiente e o outro menor, no ouvido do médico. Só no século XX surge o estetoscópio, composto por uma parte metálica, que entra em contato com a pele do paciente e um fio de borracha, pelo qual o ar conduz a mensagem sonora ao ouvido do médico.

¹⁶ Joaquim Francisco Romero é Membro do Colégio de Cirurgiões e Especialista em Cirurgia Gastrointestinal. Entrevista realizada em 24/04/06.

¹⁷ Entrevista concedida à Revista Vozes e Visões: Panorama da Arte e da Cultura Norte-Americanas, p.100-101.

¹⁸ John Cage, até sua morte, 12 de agosto de 1992, foi compositor, poeta e filósofo.

responsável. Então o técnico pediu a John Cage que os descrevesse: “Eu os descrevi, como sendo um som grave e um agudo.” “Bem”, disse o técnico, “o som agudo é o seu sistema nervoso e o grave é o ruído de sua circulação sanguínea”. Então, disse Cage: “fica claro para mim que o silêncio não existe, que era uma questão mental. Os sons que você escuta são provavelmente silêncio se você não os quer. Mas eles estão sempre soando. Há sempre algo para ouvir”(Lopes, 1996:100-101).

Para soar, para cantar

O corpo é som, o mundo é som, *Nada Brahma*, — que em sânscrito clássico significa “o mundo é som” — é o título do livro de Joachim Berendt. “Mas *Nada Brahma* também significa o som é alegria. E até o vazio é som. Enfim: o espírito e a alma são som”. (Berendt, 1997:30).

Há som em todos os seres vivos, no macro e no microcosmo, a Terra e a Lua são audíveis. Por isso, não à toa, Serres enumera uma segunda fonte de ruído, dispersa no universo:

A segunda fonte de ruído está dispersa pelo mundo: trovões, vento, ressaca oceânica, aves do campo, avalanches, estrondos aterrorizantes que precedem os tremores de terra, sinais galácticos. Os áspices escutavam o deslizar das asas no ar, fora do teatro e antes que ele existisse, fora do social ou do político e antes deles. Este ruído também é retificado em informação através da caixa bastante complicada da orelha externa e interna, mas frequentemente construímos caixas tão exatamente refinadas ao redor de nossos corpos: paredes, cidades, casas, celas monásticas. Através de portas e janelas, a mônada percebe levemente (Serres, 2001:104).

O autor começa pelo trovão. Como não pensar nas divindades suscitadas por seu ruído? O mitólogo Joseph Campbell sugere que a primeira idéia de divindade foi, provavelmente, desperta pelo impacto produzido por seu terrível barulho. “Esse estrondo é a primeira sugestão da existência de um poder superior ao da comunidade humana” (Campbell, 1997,11).

Quanto ao microcosmo, “o som de uma rosa no momento em que o botão se abre em flor; trata-se de um retumbar semelhante ao de um órgão...” (Berendt, 1997:100). As plantas também podem ter sons incompatíveis umas com as outras ou “gritarem”, como escreve um repórter que visitou o laboratório de Agricultura em Moscou: “Diante de meus olhos, um broto de cevada literalmente gritou quando mergulharam suas raízes em água fervente” (Berendt, 1997:101).

Na natureza como no corpo, os sons produzem efeitos de sentido. No Instituto Biológico do Colorado, onde a pesquisadora Dorothy Retallack trabalhava, uma equipe de jovens biólogos instalou rádios em duas estufas onde cresciam abóboras: uma recebeu música de uma estação de rock de Denver e a outra, música clássica selecionada, como Haydn, Brahms e Beethoven. Estas últimas cresceram em direção ao rádio transistor, uma das plantas até o enlaçou amorosamente. As abóboras submetidas à música de rock, cresceram afastando-se do rádio, dando preferência a subir pelas paredes escorregadias de sua gaiola de vidro, embora estas não oferecessem nenhum tipo de apoio, porém estavam distantes do alto-falante e da música (Berendt, 1997:102).

Não se sabe ao certo quando, mas em algum momento nossos ancestrais começaram a imitar os sons que ouviam tanto de seus ritmos corporais quanto os sons da natureza. Edgar Morin diz ser o homem um animal mimético por excelência, pois o mimetismo é a faculdade de ressonância ao ambiente e a possibilidade de mistura com o outro: “os jogos, as danças, são verdadeiras mímicas do cosmos. Eles imitam a criação do mundo, unidade e indeterminação primeiras, como o descobriram por vias diferentes Mircea Eliade e Roger Caillois” (Morin, 1970:99).

A questão cardinal da cultura desvela-se. Retomando Ivan Bystrina, o homem enquanto animal luta por sua sobrevivência física, para isto o corpo e seus códigos, a sociedade e suas linguagens. Entretanto, para sua sobrevivência psíquica, só o homem cria textos imaginativos, os códigos terciários, não esquecendo que tudo está interligado (Bystrina, 1995:4). Em sintonia com o acima descrito, Edgar Morin se expressa:

Como é que não se vê que aquilo que é o mais biológico- o sexo, a morte- é, ao mesmo tempo, aquilo que está mais embebido de símbolos, de cultura! Nossas atividades biológicas mais elementares, o comer o beber, o defecar, estão estritamente ligadas às normas, interditos, valores, símbolos, mitos, ritos, isto é, a tudo o que há de mais especificamente cultural. (Morin, 1979:137).

O homem sentiu os sons de seu corpo, de seu entorno e utilizou seu aparelho fonador, seus pés e suas mãos para reproduzi-los. O passo seguinte foi o de fabricar ferramentas sonoras: o homem inventa os instrumentos de percussão que pulsam como o coração e imitam os sons graves da terra; o homem cria os instrumentos de cordas e, finalmente, os de sopro, como as flautas, que enviam doces mensagens pelo ar.

Tambores são ouvidos da África às Américas, cítaras e trombetas são tocadas por toda a Bíblia e outros textos de sabedoria. Todos os povos exercem diferentes atividades ouvindo ou produzindo sons, como os etruscos¹⁹, que tudo faziam ao som da flauta dupla e os gregos “permaneciam chocados ao ver que os etruscos recorriam ao acompanhamento musical para chicotear os escravos, para amassar o pão ou para lutar” (Thuillier, 1995:116).

Só o homem passou a agir de forma tão diversa de nossos primos mais próximos, os chimpanzés. Se no início o ser humano temeu os ruídos desconhecidos, com o tempo aprendeu a utilizar sua imaginação, não para dominá-los, mas para abrandar seu medo e criar um mundo simbólico no qual aqueles sons teriam outras significações.

Quanto aos chimpanzés, os ruídos continuam a provocar reações de medo e de poder, como comprovam as pesquisas da pesquisadora Jane Goodall. Há um relato baseado em seus escritos (Boris Cyrulnik²⁰) no qual se lê que uma macaca encontrou uma panela velha pelo caminho e com um pedaço de pau, descobriu que podia causar um forte estrondo. Mas não era só, pois com este ruído, todo o bando passou a respeitá-la, por medo! Aquilo durou alguns dias, até passar o efeito do barulho surpreendente. O mesmo ocorreu com um macho que encontrou latas vazias pelo chão e, ao chutá-las, percebeu que poderia dominar o grupo. Passaram a temê-lo, também por pouco tempo!

Mas é num dos livros de Joseph Campbell, que se encontra um fato ainda mais significativo. Um dos filhotes dos macacos de Jane Goodall morreu de poliomelite e a pobre fêmea não tinha a menor idéia do que acontecera. Durante dias continuou a andar ao léu, segurando o macaquinho pela mão, até que ele começou a cheirar mal. Então, ela o colocou nos ombros, dirigiu-se à floresta e voltou sem ele. Alguma coisa tinha ocorrido, “mas não havia nenhuma relação consciente com o acontecimento; não havia como lidar com ele, transformá-lo em algo significativo” (Campbell, 1997:16).

André Malraux diz que o homem é o único animal que sabe que vai morrer. Tem razão, o animal tem consciência do morto, mas não da morte. É exatamente por isso que Edgar Morin, na década de 70, afirma que os textos culturais nascem da angústia da morte, de nossa impotência diante dela. Por medo criamos um mundo imaginário, onde tudo é possível, no qual tudo se resolve. O que para Bystrina é a segunda realidade, Morin chama de segunda existência.

No que diz respeito aos sons, quando e como começamos a emití-los, em formas de mantras ou palavras, o que cantávamos e como dançávamos, talvez permaneça no escuro este mistério, eternamente, mas nos restam outras pistas de textos culturais.

Pode-se contar, como testemunho visível e palpável, com os objetos depositados nos sepultamentos e aparecem como indícios de um pensamento mitológico. O resto é som, perde-se nos tempos imemoriais, mas continua a ecoar:

¹⁹A cultura etrusca desenvolveu-se em algumas cidades-estado na Península Itálica, no 1º milênio a.C, na região da Toscana, por exemplo. Os etruscos foram dominados pelos romanos, mas os dominaram, culturalmente.

²⁰ A Etologia dedica-se ao estudo do comportamento animal.

Falar é criar. O mago cria aquilo que nomeia e um dos motores da magia é a palavra. O verbo sagrado é sentido como uma afirmação toda poderosa, e o poeta moderno reencontra ingenuamente o sentimento chamânico, védico e bíblico: no princípio era o verbo (Morin, 1970: 107).

Não temos registros da longa história da voz, como e quando nossos ancestrais começaram a transformar cantos, danças, palavras, sons, em algo significativo, fazer magia através dos sons primevos, musicalizar os sons, cantar. Mas o musicólogo Berendt explica que *cantare* (palavra latina traduzida por cantar) carrega consigo, por sua etimologia, o significado de “fazer magia, criar através da magia”. As palavras “poeta”, “cantor” e “mago” remontam à mesma raiz lingüística, não só em latim, mas também em muitas outras línguas. “Mais do que as poções mágicas ou encantamentos, mais do que gestos ritualísticos e ervas, é uma simples palavra que cria a magia” (Berendt, 1997:70).

Para Zunthor, a palavra proferida pela voz também cria o que ela diz. Há a palavra ordinária, banal, e há a palavra-força, enriquecida por seu próprio fundo, arquivo sonoro de massas.

A palavra-força tem seus portadores privilegiados, como os velhos, os pregadores, os santos, os chefes e de maneira diferente os poetas, também tem seus lugares privilegiados: velhos, pregadores, chefes, santos e, de maneira pouco diferente, os poetas; ela tem seus lugares privilegiados: a corte, o quarto das damas, a praça da cidade, a borda dos poços, a encruzilhada da igreja (Zunthor,1993: 75).

O homem foi então capaz de cantar, cantar para encantar, encantar para fazer da realidade um sonho e do sonho uma realidade, sem os quais, sonho e a realidade, o ser humano não consegue sobreviver.

A tatilidade da audição: a prima humilde

O médico e anatomista Ashley Montagu escreve em sua obra *Tocar -O significado humano da Pele* que nosso primeiro meio de comunicação é a pele, ou seja, o corpo todo. O tato é o sentido intimamente associado à pele e o primeiro a surgir junto ao embrião humano o tato a origem de nossos olhos, ouvidos, nariz e boca. Todo o corpo ouve, “tanto a verdade quanto a comunicação começam com um gesto simples: tocar, a verdadeira voz da sensação, do sentimento (Montagu, 1986: 275).

Nosso corpo comunica-se através dos sentidos, os de proximidade, o tato, olfato e paladar e os de distância, a audição e a visão. Há o sexto sentido, o da propriocepção, o sentido do próprio corpo, e todos são táteis, é só uma questão de intensidade.

Na voz o som conserva a qualidade tátil, tranquilizante e carinhosa. *A mãe entoava cantigas e canta para o filho enquanto lhe dá tapinhas carinhosos, abraça-o e o mantém perto de seu corpo, dentro da parka²¹: com o tempo ele aprende a identificar e a responder à sua voz como substituto para seu toque.* (Montagu, 1986:290).

Há outras sensações táteis que a memória do corpo retém, como o cheiro da mãe. O olfato é tátil, pois uma fralda ou outro tecido impregnado pelo odor materno substitui sua presença, proporciona uma imagem olfativa, presença de uma ausência. Quanto à imagem sonora, há experiências sendo desenvolvidas, em algumas maternidades, junto a prematuros, onde são colocados aparelhos com o som do batimento cardíaco de suas mães para reconfortá-los.

Antes da luz, recebemos a vibração da voz materna e sua força vinculadora. A palavra da mãe chega como uma carícia e o feto percebe as informações que o tocam. O psiquiatra e etólogo Boris Cyrulnik relata como nós, mamíferos e primatas que somos, mantemos este vínculo.

²¹ Refere-se o autor à cultura dos esquimós, pois o bebê vive dentro da *parka* de sua mãe.

A palavra da mãe chega como uma carícia e o feto percebe as informações que o tocam. Com seu aparato ele reage, responde, seja quando a mãe fala, seja quando ouve outros ruídos ou mesmo quando a mãe se mexe. E, no final da gravidez, a palavra de sua mãe, faz com que o bebê ponha suas mãos em contato com seus lábios para aí vibrar docemente, ele escuta e põe a mão na boca, como degustando sua mãe quando a escuta (Cyrulnik, 1997:17).

O primeiro vínculo que se forma é o maternal e, segundo o psicólogo Harry Harlow e seu sistema de vínculos, os outros são o filial, o fraternal, o heterossexual e o paternal. O sistema é cumulativo, se bem resolvido na base, os outros têm a chance de o serem.

Para qualquer mamífero o vínculo maternal é fundamental. Tanto um animalzinho quanto um filhote de homem chegam ao mundo com suas promessas, vão obedecer seus códigos genéticos e sociais, como nos ensina Bystrina. Se irão ser bem sucedidos, depende da “estrutura do mundo onde desembarcam”, e com as palavras do autor:

Essa estrutura é ecológica e social, mas sobretudo semântica: as palavras constituem as estrelas, as frases desenham as constelações e as idéias conformam os sentimentos e as ações. Para o homenzinho, tentar a aventura da fala, é antes de mais nada, uma maneira de encontrar, uma maneira de fazer gestos, mímicas e vocalizações que lhe permitam amar, trocar afeto e agir sobre a pessoa amada. Adquirir uma língua implica aprender um código, mas sobretudo é ocupar um lugar afetivo em uma cultura já estruturada por essa língua (Cyrulnik, 1995:69).

O que nos distingue dos outros primatas são os códigos culturais. Porém, apesar de cada cultura criar e alimentar suas próprias leis, há denominadores comuns no que concerne à filogênese, ou seja, à nossa espécie. O etólogo Eibl –Eibesfeldt aporta importante colaboração para nossos estudos.

Uma canção de ninar chinesa exerce numa criança alemã o mesmo efeito adormecedor e calmante, pois qualquer canção deste tipo corresponde ao ritmo da respiração daquele que dorme. “A fase da inspiração coincide com a lenta subida da melodia; a fase da expiração, com a decida no final de cada período. De certa maneira pode-se afirmar que a pessoa adormecida respira a melodia”(Eibesfeldt, 1983:73).

Por ser a audição tátil, os sons também podem ferir, “um comentário mordaz faz com que sangue o alvo, como se a pele deste tivesse sido cortada”(Montagu, 1986:354).

Em seu último livro *A Era da Iconofagia*, Norval Baitello afirma que a cultura e a sociedade contemporâneas tratam o som como forma menos nobre, um tipo de primo pobre no espectro dos códigos da comunicação humana, pois apostamos todas as fichas no sentido da visão: *Vivemos, profundamente, até a última das nossas fibras, dentro de um mundo de visualidade. Que evidentemente não começou agora, mas que foi se desenvolvendo e foi se expandindo de tal maneira que estamos dispensando os outros sentidos que não a visão (Baitello, 2005:99).*

Isso nos levou pensar uma outra imagem, a da audição como “prima humilde”. Etimologicamente, a palavra humilde tem sua raiz em *humus*, terra. Terra como mãe, deusa, princípio feminino, aquela que tudo aceita, tudo recebe. Terra como abrigo, útero, abrange 360 graus.

Os ouvidos têm sua percepção mais acurada que os olhos e o tato-como se comprovou fisiológica, física e matematicamente. Os antigos chineses consideravam os olhos um órgão Yang dos sentidos, ou seja, masculino, agressivo, dominador e orientado pela razão, para a superficialidade, para a análise, ao passo que o ouvido é

um órgão Yin, feminino, receptivo, prestativo, intuitivo e espiritual, que perscruta o interior e que encara o todo como Um (Berendt, 1997:20).

Quanto ao órgão *Yin*, o símbolo dos ouvidos é a concha, simboliza o órgão sexual feminino, o da receptividade e o do aconchego. Como não pensar nas próprias orelhas, com sua dobras e redobras, espaço sempre aberto para o exterior, formas curvas, caminhos e pensamentos circulares.

O *Yang*, também tem seus símbolos: o da vertical, o falo, a linha reta. A visão abrange 180 graus, objetiva, tem um pensamento linear, masculino.

Vimos que o primeiro vínculo é o maternal e, não à toa, na cultura, a primeira vinculadora do tempo foi a Lua, medidora universal. Seus ciclos tinham uma estranha coincidência com o ciclo menstrual das mulheres, pois um mês sideral, ou seja, o tempo necessário para a Lua regressar à mesma posição no céu, era pouco menos de 28 dias (Booerstin, 1985 :18).

As imagens pré-históricas registradas pela mídia secundária²², também nos recordam a equivalência dos ciclos menstrual e lunar. Há uma estatueta, a pequena Vênus de Laussel, que segura na mão direita erguida um chifre de bisão com treze traços verticais. Eles correspondem ao número de noites entre o primeiro crescente e a lua cheia; a outra mão está pousada sobre a barriga. Talvez, um primeiro indício de correlações entre os ritmos celestial e terreno da vida (Campbell, 1997:18).

Há uma força vinculadora na voz, há uma força vinculadora no tempo lunar, mas o homem criou outros tempos aos quais se vinculou. Há culturas, como a islâmica, que ainda mantém o calendário lunar, mas a maioria seguiu o calendário solar. Assim, podemos pensar numa correlação de tempo da visão e de tempo da audição, pois tem diferentes qualidades. Talvez agora possamos entender porque motivo os gregos tinham dois deuses para o tempo.

Havia Cairós, um tempo que tinha uma abordagem feminina, significava “a medida do útero”²³, o tempo vivido, o feminino, a hora certa; e havia o tempo de Cronos, com uma abordagem masculina, patriarcal, racional e funcional. Os descendentes de Cronos assassinaram Cairós e então passamos a nos vincular apenas ao tempo medido, desde o relógio solar aos de pulso, como se vive atualmente, com a tirania do tempo e da visão (Berendt, 1997:127).

Apesar do domínio de Cronos em nosso tempo de ouvir, é preciso refletir sobre os sinais acústicos, hábeis portadores de significados e nos contágios emocionais. Nas cantigas de ninar mundiais, nas canções dos índios brasileiros ou numa festa *rave*, o som é o mensageiro, leva e traz, continuamente, mensagens que vinculam ou desvinculam:

No universo carente que embalem, de canções de ninar, dilacerado pelas lutas de poder, que é o nosso século XX, rock e as canções de ninar lamentosas, às vezes lindas, geralmente marcadas por uma estridência percussiva, possivelmente representam efeitos compensatórios para a falta de solicitude exibida pelos pais, no passado, diante das necessidades táteis de seus filhos, de seus pedidos de afeto (Montagu, 1988: 175).

“Ave caixas”

Canções de ninar e cantigas indígenas são veiculadas via mídia primária, de um corpo para outro, comunicação de proximidade, presencial. As músicas e as letras contam histórias ou estórias, impregnadas de narratividade, de cultura.

²² Mídia secundária é aquela que o emissor necessita de um suporte material para transmitir sua mensagem, mas o emissor apenas seu corpo para recebê-la. É o caso da escrita (jornais, revista livros), por exemplo, ou um objeto de arte.

²³ Do sânscrito *matr* é mãe e *matra* medida. *Metra* gerou o termo medida. O útero era a medida! Ao provir do útero, o homem emerge da medida para tornar-se *mater-ie Esta* (Berendt, 1997: 128)

Com o advento da eletricidade, as músicas podem ser gravadas em diferentes suportes e executadas em outros tempos e espaços. Isso é o que Harry Pross classifica de mídia terciária, requer o uso de aparatos por parte do emissor e do receptor, como a televisão, o celular, o computador, etc.

O alcance disso é enorme, pois com a mídia terciária ampliam-se ainda mais as escalas espaciais e “o impacto é tão forte que as velhas formas de encantamento- os mitos, rituais e as crenças- migram para a mídia terciária, dando espaço para dois fenômenos gêmeos: a mídia religiosa e a religião midiática (Baitello, 2005:74).

Numa tribo, as cantigas estão gravadas na memória cultural de seu povo, entoadas em determinadas ocasiões, como nos rituais de passagens. Diferentemente, em nossa cultura contemporânea, quem comanda o que deve ou não ser ouvido é quem controla a rede de emissão. Há sons vindos por todos os lados, vozes falam todas juntas, pelo rádio, pela televisão (ligada em todos os lugares) pelos computadores e, assim, assumem “a voz da verdade” que alimenta e orienta a chamada cultura de massa

Em diálogo com Baitello, a comunicóloga Malena Contrera enriquece esta reflexão quando escreve que: “A estética da cultura de massas, impensável sem a mídia eletrônica, reduziu a comunicação ao consumo e ritual ao espetáculo, operando a virtualização do corpo (Contrera, 2002:59).

Ritos e mitos migram, mas nunca morrem. Hoje paira no ar um clima de tensão, preocupação, “parece que as normas seculares já não podem mais conter a fúria divina e que rituais estão de fato acontecendo nas gangues, nas prisões, nos tumultos, nos concertos de rock, como se o Deus, apesar dos mais velhos, estivesse forçando a juventude a iniciações independentes de sua forma profana e inadequada”(Hillman,1993: 77).

Dentre os rituais acima citados, elegemos o endeusamento da tecnologia, do som, da *techo music*. Joaquim Berendt não escreve sobre ela, mas ensina que *sound*, tem muitos significados, “abrange tudo que é audível, inclusive os ruídos” (Berendt, 1997:161). A palavra *sound* passou para a linguagem comum e foi adotada pelos fãs do rock, a “neurose sonora do mundo ocidental” e, por isso, “é compreensível que a neurose seja transformada no endeusamento do *sound*, como ela é festejada principalmente no rock e comercializada pela indústria musical”(Berendt, 1997: 163).

Um de seus templos é a festa *rave*, que o antropólogo Massimo Canevacci define como “festa prolongada nos ritmos acelerados da técnica” ouve-se *sound techno music*, abreviatura de *technologic*: isso significa que a produção de música acontece através de uma interface tecnológica (Canevacci, 2005: 94).

Ler sobre o assunto causa um efeito de sentido, participar outro²⁴. Como para qualquer ritual, antes do evento há uma preparação. É notório o fato de todos os tipos de drogas serem consumidas nesta festa, como ecstasy, etc. Todas as culturas ancestrais descobriram e usaram alucinógenos para entrar em estado alterado de consciência e ter acesso a uma outra realidade²⁵, tendência antiga de associar magia e técnica.

As primeiras festas deste tipo, realizadas na Europa, foram no corpo da metrópole. No Brasil, elas aconteciam (hoje menos) em lugares afastados, no campo ou na praia. Assim, nesta que ora relato, depois do “esquentar”, vem a peregrinação até o “templo”. Com uma vestimenta confortável, principalmente nos pés, andamos uns quatro quilômetros mata adentro, até conseguir chegar ao local, mas o *sound*, já de longe podia ser ouvido/sentido.

Alguns ambientes são cobertos por tendas, mas o principal, como um tabernáculo²⁶, é a tenda do som, onde os ídolos DJ, muitas vezes internacionais, alternam-se e vão fazendo funcionar os aparatos que emitem o som.

De repente, há um climax na festa. Os participantes aglomeram-se frente ao totem²⁷, formado pelo empilhamento das caixas de som, levantam os braços, disputam um lugar o mais

²⁴ A pesquisadora esteve presente a uma festa *rave*, realizada em Maresias, litoral norte de São Paulo, em 02/01/2003.

²⁵ Bystrina considera o sonho, o jogo, os estados alterados de consciência e a loucura raízes da cultura.

²⁶ Tabernáculo é um templo portátil, onde os hebreus praticavam as imolações ou faziam os sacrifícios.

próximo possível e todos juntos, com os braços estendidos, louvam, saúdam, no mesmo ritmo. Ao longo da festa, esta veneração repete-se.

Esta é a imagem a que devo o subtítulo, *Ave Caixas*. “Ave” é uma interjeição, significa “salve”. Senão lembrada pela prece cristã da “Ave Maria”, pode ser identificada na história política do império romano, “Ave César”, ou, mais recentemente, “Hi Hitler”. A palavra vem acompanhada de um gesto, movimento corporal que é estender o braço direito, formando uma linha horizontal ao corpo, mas pode-se saudar com os dois braços erguidos e as mãos espalmadas.

Quanto a palavra “caixas”, empresto-a de Michel Serres²⁸. Naquele naquela imagem, naquela saudação, as caixas representam todo o poder, a demarcação da vertical²⁹ fincada no espaço, a potência total.

A vibração daquelas caixas por toda a “orelha proprioceptiva” é sentida por todo o corpo e não é preciso estar em estado alterado de consciência para isso. Claro, com produtos químicos a sensação é muito mais intensa. De qualquer forma, a pele é capaz de localizar ondas de som com as quais podemos nos vincular ou querer fugir (Montagu, 1988:293).

A festa rola, o diálogo é corporal, o corpo inteiro pulsa, estão todos com todos e ninguém com ninguém. O antropólogo Todorov, quando fala das drogas, leves ou pesadas, compara seu estado patológico com o autismo, estar fechado em si mesmo.

Quando se está viajando, tem-se a sensação de plenitude, de auto-suficiência, que permite não mais nos preocuparmos com as reações dos que nos cercam. Na mesma faixa etária, a música tem um papel semelhante- escutar alto ou com fones nos ouvidos: também serve de camada isolante entre mim e o mundo exterior, ela me envolve como um casulo, dispensando-me de solicitar um reconhecimento (Todorov, 1996:112).

Alguns se referem ao som repetitivo de “bate-estaca” e os movimentos corporais também o são. Os gestos são miméticos e a contaminação mimética não ocorre somente nos processos mágicos, ela surge na educação das massas.

Agitação e êxtase são transmitidos como que de corpo a corpo, a excitação propaga-se e se aquieta, todos louvam na hora de louvar, como uma massa informe: “O redemoinho da igualdade arrasta consigo o indivíduo. As diferenças são dissolvidas; o nivelamento de todas as diferenciações dá-se na referência a um objetivo. Acima da adaptação ao outro, surge um corpo em massa que absorve os corpos individuais”(Gebauer e Wulf, 2004:44).

Amanhece, a luz banha o ambiente que se modifica, mas segue em frente o “latrocínio sonoro”³⁰. Os corpos dissolvem-se, transformam-se, “os ravers expressam, em seu fazer-se som, a beleza encantadora desta flor do mal que murcha depois de alvorecer, acendendo novos pontos de fuga” (Canevacci, 2005: 95).

Os óculos escuros impedem o encontro do olhar. Os corpos, aqueles que ainda dançam, já não controlam os movimentos, não há sintonia com o ritmo do som, o cérebro está “frito”, os movimentos estão travados, os gestos são sincopados.

Se a cultura nasce da angústia e do medo da morte, parece que em nossa cultura contemporânea, há celebrações que querem ir de encontro a ela. Hoje, na festa *rave*, constata-se o uso de uma nova droga, utilizada na celebração, desafio maior para uma viagem sem volta.

²⁷ Totem é um objeto ou animal a que certos grupos primitivos julgam-se ligados e devem dedicar veneração.

²⁸ Em seu livro *Os cinco sentidos* o autor escreve, no segundo capítulo, sobre o sentido da audição e o nomeia de *Caixas*. “Todo audível possível encontra locais de escuta e de regulação. Diríamos que o corpo é construído como um caixa ou caixas onde esses ciclos transitam (Serres, 2001:108).

²⁹ O leitor pode ampliar este conceito aqui utilizado na obra de Harry Pross, *Estructura Simbólica del Poder*, 1980, páginas 42-47.

³⁰ Expressão empregada por Canevacci.

Desde que entrou a K³¹, tudo isso mudou. Tomar a droga comporta - entre outras coisas por causa da falta de equilíbrio e do efeito anestésico –deitar-se isolado. Não se conseguindo caminhar nem sequer dançar, a rave se transforma de uma dança de códigos em uma estagnação dos corpos: corpos que atravessam a sensação liminar da morte. Mais do que erotismo e multivudualidade, de tal modo se prova uma viagem medonha dentro da morte. Desafio ou desejo, pouco importa(Canevacci, 2005:155).

Talvez, após breve descrição deste cenário, a terceira e última fonte de barulho, aquela do ruído colossal a que chegamos, faça ainda mais sentido: “Em seu barco barulhento de comunicação, o coletivo mais se embriaga que adoece, enfarado de língua, drogado de barulho, por falta de estética anestesiado”(Serres, 2001:87).

Silêncio: Não!

Nosso mundo barulhento parece ter horror ao silêncio (*horror silencii*, em latim). Há culturas que tem horror ao vazio (*horror vacui*, em latim) como a cultura islâmica, que preenche todos os espaços com desenhos geométricos ou florais. Nosso mundo contemporâneo congestionava o espaço com ondas sonoras de todos os tipos, tudo e todos querem falar, ninguém quer ouvir.

Nosso mundo ocidental é o da troca de ruídos, focado exclusivamente na fabricação de receptores, que devem apenas receber à exaustão as informações, cada vez em maior volume, bem altas e repetitivas. Estamos tão habituados e com “as caixas” tão sedadas pelos sons, que na falta deles, se o ambiente está silencioso, logo corremos atrás de uma tecla que ligue algum aparelho emissor de som, que nos faça companhia, mesmo sabendo ser via de mão única, pois falam sozinhos.

O rádio ainda é o aparelho mais companheiro, em toda a América Latina. A famosa rede colombiana de emissoras de ação cultural popular, a Radio Sutatenza, realizou uma pesquisa junto aos ouvintes, a maioria camponeses, e a pergunta óbvia era: “Que programa você ouve diariamente?”. A resposta foi: “a reza do terço”. A diretoria, desconcertada, não achava explicação para tal resposta, pois oferecia tantas outras opções como programas educativos e práticos, de informação agrícola, de entretenimento, etc. Então, acharam que aquela resposta pudesse ter sido resultado de um erro, ou na pesquisa realizada, ou por parte dos entrevistados.

A pesquisa foi refeita e a resposta a mesma: a reza do rosário. Um dos pesquisadores, intrigado, foi diretamente ao encontro de camponeses e perguntou: “Por que preferiam o programa da reza do terço dentre tantos outros?”. A resposta foi: “Porque é o único programa que podemos participar com as pessoas de Bogotá, pois na reza do rosário, eles dizem uma parte da *Ave Maria* e nós a outra, é o único programa que não falam só eles” (Barbero, 2002: 121).

Em cultura não há morte, pois ela nasce para matar a morte. Sabemos que ritos e mitos migram, eles não morrem e, hoje, prestamos nosso culto à técnica e à ciência. Fazendo minhas as palavras de Jesus Barbero:

Foi-se a religião, porém nos restou o mito: a ciência e a técnica convertidas em fonte inesgotável de maravilhas, de novas fantasias e de novos “fantasmas”. Que se parecem muito com os antigos. A única diferença é que hoje mais que sonhar, o que fazemos é consumir os sonhos que nos fabricam os diretores deste imenso show que chamam informação (Barbero, 2002: 94).

³¹ A ketamina é uma substância química usada como anestésico tanto no campo clínico como no veterinário. Ketelar e Ketaject são as marcas, no mercado ilegal se encontra em pó ou líquido. Como efeito, pode produzir experiências próximas da morte, saído do corpo e flutuando no ambiente. Quem a experimenta (e volta da viagem) tem certeza de ter abandonado o próprio corpo (Canevacci, 2005:154).

Para ouvir é preciso calar: “já recebi sinais suficientes para me convencer de as mensagens que perseguem alguma parcela de verdade se ocultam no silêncio. Mas como ouvi-las se nada nem ninguém se calam? (Peñuela *in* Bairello, 2005: 20).

O primeiro passo é cativar “a via do silêncio dentro de nós. Não por um ato de vontade, mas por um ato de disponibilidade que é, também, uma dimensão amorosa do coração”(Leloup, 2002:30).

O segundo passo é olharmos o corpo social, perceber o outro e “dar ouvidos”. Em geral, ao mesmo tempo que se pergunta como vai o outro, torce-se para que ele não fale, pois não dá tempo e nada se ganha com isso. O relato do outro já não interessa, mas deveria.

Quando narro minha ferida, as mímicas do outro, suas exclamações ou mesmo seus silêncios modificam minha emoção. Sua simples presença muda o transforma em co-autor do meu discurso. Já não sou o único senhor de meus desejos. É como se eu não tornasse a me apoderar de sentimento de meu passado. O ouvinte modificou minhas intenções (Cyrulnik, 2005:112).

Ouvir cura a alma. Boris Cyrulnik atende e escuta os relatos de jovens e crianças que participaram de guerras, ruínas econômicas e não podem nem apoiar-se na cultura, com seus mitos e ritos, porque os desconhecem, pois foram desenraizados dela. Isso provoca uma enorme dificuldade em seu desenvolvimento, físico e mental, por isso Boris Cyrulnik relata a importância de contar e ouvir histórias e estórias (os mitos, a narrativa) que dêem sentido e significado a suas vidas.

Se não aprendemos a escutar, não podemos aprender a falar. Grande parte de nosso “analfabetismo afetivo” (Restrepo) deve-se a nossa surdez mórbida. A falta de comunicação inicia-se na família e segue em frente, na vida privada e pública.

Vivente Romano propõe uma nova postura para nossa Ciência da Comunicação, uma *Ecologia da Comunicação*, título de seu livro, onde de lê que “convém ter sempre presente a importância de abrir nossos sentidos ao outro, de saber escutar, antes de falar ou de tomar decisões”(Romano, 2004: 88).

Nossa comunicação depende de nosso corpo e seus sentidos. Colocar obstáculos para eles é bloquear a nossa percepção. O fato de se tomar consciência colabora para as próximas ações, como Berendt propõe, do novo homem ser um ouvinte. Este milênio deverá ser o do ouvir, o mundo é mais facilmente entendido através da audição que da visão e, finalmente, se nosso sentimento deu as mãos aos olhos, “encontraria um parceiro muito mais natural na audição e com o tato, ambos se complementam” (Berendt, 1997: 181).

Para finalizar, convido o leitor ouvir os seguintes versos:

*Os teus ouvidos estão enganados.
E os teus olhos.
E as tuas mãos.
E a tua boca anda mentindo
Enganada pelos teus sentidos.
Faze silêncio no teu corpo.
E escuta-te.
Há uma verdade silenciosa dentro de ti.
A verdade sem palavras.
Que procuras inutilmente,
Há tanto tempo,
Pelo teu corpo, que enlouqueceu.*

Cântico IX (Cecília Meireles, 1983)

Bibliografia

- BAITELLO JR., Norval . (2005). *A era da iconofagia*. São Paulo. Hacker.
- _____. (2005). Org.; Contrera, Malena Segura, Org.; Menezes, José Eugênio e O. Menezes, Org. *Os Meios da Incomunicação*. São Paulo: Anablume.
- BARBERO, Martín Jesus. (2002). *Ofício de Cartógrafo – Travesías latinoamericanas de la comunicación cultural*. Chile: Fondo de Cultura Econômica.
- BERENDT, Joachim-Ernst. (1997). *Nada Brahma – A música e o universo da consciência*. São Paulo: Cultrix.
- BÍBLIA SAGRADA. Editora Ave Maria, 160º Edição. Edição Pastoral Catequética.
- BOURSTIN, Daniel. (1985). *Os Descobridores*. Tradução de Fernanda Pinto Rodrigues. 2ª Edição. Civilização Brasileira.
- CAMPBELL, Joseph. (1990). *As transformações do mito através do tempo*. Tradução Heloisa Dantas. São Paulo: Cultrix.
- CYRULNIK, Boris. (2005). *O murmúrio dos fantasmas*. São Paulo: Martins Fontes.
- _____. (20010). *Resiliência- Essa inaudita capacidade de construção humana*. Lisboa: Instituto Piaget.
- _____. (2000). *O Homem, a Ciência e a Sociedade*. Lisboa: Instituto Piaget.
- _____. (1997). *L'Ensorcellement du monde*. Paris: Éditions Odile Jacob.
- _____. (1995). *Os alimentos do feto*. Trad. Celso Mauro Paciornik. São Paulo: Ática.
- CONTRERA, Malena. (2002). *Mídia e Pânico- Saturação da Informação, Violência e Crise Cultural na Mídia*. São Paulo: Annablume.
- EIBESFELDT, Eibl. (1983). *El hombre preprogramado – lo hereditario como fator determinante em el comportamiento humano*. Madrid: Alianza Editorial.
- HILLMAN, James. (1993). *Cidade & Alma*. São Paulo: Studio Nobel.
- LELOUP, Jean Yves. (2002). *Além da luz e da sombra – Sobre o viver, o morrer e o ser*. Petrópolis: Editora Vozes.
- LOPES, Garcia Rodrigo. (1996). *Vozes e Visões. Panorama da Arte e Cultura Norte-Americanas Hoje*. Iluminuras.
- MEIRELES, Cecília. (1983). *Cântico*. Terceira Edição. São Paulo: ed. Moderna.
- MONTAGU, Ashley. (1978). *Introdução à Antropologia*, São Paulo, tradução de Otávio Mendes Cajado, 2ª edição, Editora Cultrix.
- _____. (1988). *Toca r- O Significado Humano da Pele*, 6ª edição, tradução de Maria Silvia Mourão Netto. São Paulo: Summus.
- MORIN, Edgar. (1979). *O Enigma do Homem*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- _____. (1970). *L'Homme et la Mort*. Paris: Éditions du Seuil.
- NOVAES, Adauto. (1994). *Arte e pensamento*, Rio de Janeiro, Letras Contemporânea.
- PROSS, Harry. (1989). *La violencia de los símbolos sociales*. Barcelona: Antropos.
- _____. Harry. (1980). *Estructura simbólica del poder*. Barcelona: Editorial Gustavo Pili.
- RESTREPO, Luis Carlos. (1997). *El derecho a la ternura* Barcelona: Ediciones Península.
- ROMANO, Vicente. (1993). *Desarrollo y progreso- Por una ecología de la comunicación*. Barcelona: Teideuropa América.
- _____. (2004). *Ecología de la Comunicación*. Hondarribia: Argilatexte Hiru.
- THUILLIER, Jean-Paul. (1995). *Les Etrusques: La Fin d'un Mystère*. Découvertes Gallimard.
- TODOROV, T. (1996). *A vida em comum*. Campinas: Papyrus.
- ZUMTHOR, Paul. (1993). *A Letra e a Voz - A Literatura Medieval*. Tradução: Amalio Pinheiro e Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras.

